



***(Re)discutindo o Modernismo:
Universalidade e Diversidade do
Movimento Moderno em Arquitetura
e Urbanismo no Brasil***

A publicação do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA reúne 24 dos trabalhos apresentados no I Seminário Docomomo Brasil de 1995. As intervenções dos conferencistas convidados brasileiros abrem a antologia. Oflia Arantes vai “Do universalismo moderno ao regionalismo pós-crítico”, enfatizando a vocação internacionalista da arquitetura moderna, sua associação com a ideologia totalitária do plano e o feitiço de revelação que têm suas manifestações em contextos distintos de sua origem européia, ao invés de desvio ou originalidade. Em “Modernismo e expressão nacional”, Aracy do

Amaral comenta o confronto permanente e pendular entre internacionalismo e nacionalismo nas artes visuais e na arquitetura do século, associando o eclétismo e a arquitetura moderna ao internacionalismo, o neo-colonial ao nacionalismo.

As intervenções dos conferencistas convidados estrangeiros ampliam o horizonte geográfico para abarcar toda a América Latina e retrocedem no tempo para situar o começo de uma preocupação com a modernização no século XIX. Em “A máscara sob a máscara: mestiçagem e modernização na arquitetura latino-americana do início do século”, o argentino Jorge Francisco Liernur recorda com propriedade que o problema da identidade nacional se colocou ao mesmo tempo na Europa e na América e que a mestiçagem constituiu traço articulador das respostas ao problema na América. O eclético e o neocolonial são os equivalentes arquitetônicos da polarização ideológica entre o mestiço e o *criollo*, ambas as manifestações instrumentadas pela teoria acadêmica da caracterização. Em “O sonho da modernidade na América Latina: divergências e consonâncias do ideal racionalista”, o cubano Roberto Segre sugere que o sonho tem três atos, o primeiro relacionado com a independência latino-americana no século XIX, o segundo abrangendo o período de entreguerras e o terceiro começando em 1945. Convicto da prioridade da influência germânica no período de entreguerras, localiza a

originalidade da arquitetura moderna latino-americana na sua adaptação ao traçado xadrez local e na humanização da estética da máquina.

O impacto duma condição pós-moderna faz Antônio Heliodório Sampaio lembrar, em “A ideologia do Movimento Moderno e a cidade”, que o ideário moderno da cidade não se reduz à visão corbusiana da Carta de Atenas. Em “A construção do movimento moderno: entre a arquitetura e a historiografia”, Anete Araújo registra exames recentes da historiografia da arquitetura moderna que evidenciam a sua natureza apologética e sua tendência a suprimir polêmicas internas.

Um outro bloco de trabalhos trata de temas especificamente vinculados à arquitetura moderna de vertente corbusiana promovida por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer nos anos 30 e 40. A questão do internacional vs. nacional reaparece em “Interpretações nacionalistas do *International Style*”, de Maria Marta Camisassa, segundo quem as referências nacionalistas da arquitetura brasileira se encontram no discurso histórico-crítico e não na posição dos arquitetos brasileiros e suas obras, em que elementos tradicionais só apareceriam após a visita de Corbusier em 1936. Em “Desvelando alguns mitos: as revistas modernistas e a arquitetura moderna”, a mesma autora nega qualquer relação entre o movimento modernista dos anos 20 e a arquitetura moderna, a partir do exame de publicações do período 20-30. Já para José Tavares Correa Lira, a ânsia de reinterpretar a identidade e o passado nacionais persiste nos anos 30, canalizada para a superação da dialética nacional/universal, tradição/modernidade. “O popular na cultura, a arquitetura brasileira e a história: Gilberto Freyre, mocambos, modernistas e os primeiros anos do IPHAN” analisa as implicações da

seleção de *Sobrados e Mocambos* de Gilberto Freyre como publicação inaugural do IPHAN, entre as quais a vinculação espiritual estabelecida por Mário de Andrade e Lúcio Costa entre arquitetura erudita moderna e arquitetura popular histórica. Notando igualmente a profundidade do envolvimento do escritor e do arquiteto com a organização do IPHAN, as noções de arte e história veiculadas pelos mesmos dentro da instituição são examinados por Márcia Sant’Anna em “Modernismo e patrimônio: o antigo-moderno e o novo antigo”. Maria Beatriz Cappello inventaria os “Conceitos da arquitetura italiana do entreguerras: o *classico* e a *mediterraneita* no racionalismo italiano”, em função da influência dos mesmos na obra de Rino Levi.

“O concreto armado e a nova arquitetura nos anos 30”, de Guilah Naslavsky, é comunicação sobre a difusão do concreto armado no Recife; entre os fatores responsáveis se menciona a preocupação com a habitação popular. Em “Habitação social e arquitetura moderna: a expressão dos conjuntos residenciais dos IAPs”, Nabil Bonduki demonstra que o envolvimento de arquitetos modernos brasileiros com a habitação social nas décadas de 40 e 50 não se restringiu ao Pedregulho. Inventaria e exemplifica as distintas iniciativas tipológicas dos Institutos de Aposentadoria e Pensões, analisando os raciocínios, critérios e antecedentes de projeto presidindo as suas realizações. “Brasília: habitação em superquadra”, de Juan Antonio Zapatel, recapitula as diferentes tipologias habitacionais propostas pelos arquitetos do movimento moderno e examina formas de apropriação de seis superquadras da Asa Sul de Brasília, indicando que se realiza sob a ótica da eficiência e da particularização do uso do espaço aberto público e torna questionável a

continua adoção da tipologia de bloco.

Brasília é também o tema de Frederico de Holanda em “Movimento Moderno: caracterização, avaliação, transformação”, mas na escala do Plano Piloto, tendo em vista sua classificação como Patrimônio da Humanidade. Utilizando os instrumentos da sintaxe espacial para a descrição e avaliação do espaço público do Plano Piloto, Holanda se preocupa com as prováveis contradições entre uma política de preservação e as transformações necessárias para corrigir problemas estruturais significativos. “Conservação ou invenção? Notas sobre uma relação ambígua”, de Odete Dourado, é trabalho também motivado pela preocupação com a ação projetual, no caso a proliferação de intervenções sobre o patrimônio monumental que transforma o restauro em invenção que desmonumentaliza o patrimônio, diluindo a presença do passado.

Utilizando a palavra moderno no sentido lato, três trabalhos focam ações urbanísticas diversamente datadas em distintas cidades brasileiras. “A contribuição de Saturnino de Brito para a modernização do Recife (1909/1915)”, de Fernando Diniz Moreira, situa um dos principais planos de Saturnino de Brito em seu contexto e analisa sua forma e conteúdo, detendo-se na estruturação da Repartição de Saneamento e no Plano Geral de Arruamentos. Técnica e estética são as duas vertentes através das quais se opera “A constituição do urbanismo moderno na Bahia”, segundo o panorama traçado por Ana Fernandes, Antônio Heliodório Sampaio e Marco Aurélio Gomes. Abarcando desde meados do século XIX até começo dos 50, dá ênfase à experiência do Escritório do Plano Urbanístico da Cidade do Salvador, que, entre 42 e 49, se engaja numa busca de entendimento global e processual da cidade. A

experiência de Prestes Maia em São Paulo é o fundo para “Algumas reflexões sobre modernidade e nostalgia da arquitetura oficial paulista dos anos 30/40”, feitas por Leila Diegoli a partir do exame de obras viárias e equipamentos culturais, hospitalares e educacionais realizados no período, não classificáveis como modernas no sentido estilístico estrito do termo.

Pasqualino Magnavita estuda um caso exemplar de confluência de cânones modernos – no sentido estrito – e cânones *déco* em “A heterotopia do moderno: a sede do Instituto do Cacau da Bahia”, realizada pelo alemão Alexander Buddeus em 1935, relacionando a confluência com a demanda de representatividade e colocando em pauta a revalorização de um ecletismo do século XX. “Diógenes Rebouças, um pioneiro modernista baiano”, de Paulo Ormino de Azevedo, traça a trajetória do arquiteto que exerceu papel fundamental na consolidação da arquitetura moderna na Bahia. Lina Bardi é o objeto de dois trabalhos. Em “Lina Bo Bardi: a casa de vidro como manifesto da arquitetura moderna”, Maria de Fátima Campello examina o processo de projeto da casa da arquiteta a partir da análise da série de croquis que precedem a adoção do partido definitivo. Em “Lina Bo Bardi: o Movimento Moderno como atitude política”, Olivia Fernandes de Oliveira delinea a postura intelectual de Lina através do exame dos seus textos e insinua a importância de seu papel na gestação da reação paulista à facilidade formal característica da produção carioca consagrada até então como arquitetura moderna brasileira. Jussara Derenji relata episódio de difusão arquitetônica no seu panorama sobre “O modernismo na Amazônia: Belém do Pará (1950-1970)”.

A qualidade dos trabalhos é grande. Há equívocos pontuais, como a supervalorização acrítica da influência

de Le Corbusier sobre a arquitetura brasileira ou a ausência de discriminação entre condição histórica moderna de um lado e, de outro, arquitetura e urbanismo modernos no sentido estrito do termo, que seriam facilmente sanáveis pela consulta a trabalhos seminais de pesquisa e interpretação sobre a arquitetura moderna em geral e a arquitetura moderna brasileira em particular, publicados nas décadas de 80 e 90, nem todos registrados nas bibliografias. Embora sejam irritantes, não chegam a empanar o brilho do conjunto. Todos os trabalhos acrescentam informação significativa ao debate sobre a arquitetura e o urbanismo modernos no Brasil. Trabalham geralmente com fontes primárias. São quase sempre provocativos e freqüentemente estimulantes. Exemplos de seus desdobramentos incluiriam a investigação do provável paralelo entre o debate arquitetônico italiano e o debate arquitetônico brasileiro no entreguerras, dada a importância do mediterrâneo para Lúcio Costa, ou a investigação das relações entre a obra de Lina e a produção da escola paulista. A antologia não tem a pretensão de esgotar os temas de estudo. Entretanto sua contribuição é importante e constitui publicação exemplar e indispensável para o entendimento do modernismo no país.

Carlos Eduardo Dias Comas

Professor da Faculdade de Arquitetura da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Título: (Re)Discutindo o Modernismo:
Universalidade e Diversidade do
Movimento Moderno em Arquitetura
e Urbanismo no Brasil.

Orgs: Luis Antonio Fernandes Cardoso e
Olivia Fernandes de Oliveira

Ed.: Salvador: Mestrado em Arquitetura e
Urbanismo da UFBA, 1977. 301p.: il.